

capa

PROFISSIONAIS RELATAM A DIFÍCIL TROCA
DE PAPÉIS NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER



Em 2017, Luciana descobriu dois nódulos na mama direita: "Pensei no meu filho, na minha família... E só chorava"

Quando médicos são pacientes

Em 2018, a hematologista Magda Salles, então com 49 anos, voltava das férias escolares dos dois filhos pequenos quando sentiu uma dor levemente incômoda, mas persistente, no baixo ventre, do lado esquerdo. Logo se deu conta de que algo não ia bem e decidiu averiguar. Uma ultrassonografia transvaginal detectou hidronefrose bilateral (inchaço nos rins devido ao acúmulo de urina, causado por alguma obstrução). Mas ela relacionou o problema a um mioma que já possuía e que, acreditava, havia crescido. Depois, uma ressonância magnética demonstrou: era um câncer no útero. Magda desabou.

“Ali, tive certeza do meu fim. Ser médica, naquele momento, foi assustador, porque tive a noção exata da gravidade da minha doença. Ovário, útero... era tudo uma coisa só. Um grande tumor já com implante no omento [tecido que liga estômago e intestino] e linfonodomegalia [aumento local ou generalizado dos linfonodos] por todos os lados. Foi desesperador”, lembra.

Relatos como o de Magda são comuns entre profissionais da saúde quando sofrem de enfermidades graves. Quando os papéis se invertem e eles viram pacientes, muitas vezes, a aflição e a fragilidade são até maiores, já que conhecem o processo e sabem o que pode dar certo ou errado. E isso, segundo especialistas, é um complicador que precisam administrar.

“A compreensão do que é a doença, como ela se comporta e as reações que os procedimentos terapêuticos podem causar fazem parte de um

quadro que gera muita ansiedade, o que é esperado. Considero adequado fazer acompanhamento psicológico, mas muitos são reativos e acham que não precisam”, explica o psicólogo Alberto Filgueiras, professor do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

INSISTÊNCIA PARA OBTER O RESULTADO

Magda não fugiu à regra. Sentiu que demorou demais fazendo a ressonância magnética e estranhou. De casa, entrava constantemente no *site* da clínica em busca do resultado. Como não conseguia, e vendo-se incapaz de controlar a ansiedade, ligou para a médica e a pressionou. Após muita insistência, a colega acabou por dizer que a imagem mostrava uma massa enorme com característica maligna.

“Ali, tive certeza do meu fim. Ser médica, naquele momento, foi assustador, porque tive a noção exata da gravidade da minha doença”

MAGDA SALLES, hematologista



“Depois do que passei, entendi que nenhum sofrimento é grande o bastante para me tirar a glória de viver. Desde o início, minha força mais insana, inconsciente e imensurável era me manter viva pelos meus filhos”

MAGDA SALLES, hematologista

“Tenho um perfil mais resolutivo mesmo. Nós, médicos, somos assim. Foi um baque ouvir aquilo, mas me mantive firme e agradei por ela ter me poupado de mais um dia de espera angustiante. Desliguei o telefone e caí no choro”, lembra a hematologista.

Começava, então, uma corrida contra o tempo. Dez dias depois, fez uma laparotomia e tomou duas bolsas de concentrado de hemácias. “Foi quando me vi 100% no lugar de paciente, completamente fragilizada emocionalmente, dependente do cuidado do outro e com pavor do que ainda viria. Foi bem difícil”, lembra.

Magda se submeteu a seis ciclos de quimioterapia e a 32 sessões de radioterapia - 29 pélvicas e três de braquiterapia intravaginal (procedimento no qual o material radioativo é inserido ou colocado próximo ao órgão a ser tratado). “Tive fadiga, náuseas fortíssimas e dores indescritíveis nas pernas. Um dia, evacuei 17 vezes. Tudo muito ruim. E lidar com a perda de cabelo foi igualmente desesperador”, conta.

Para minimizar o sofrimento, uma amiga sugeriu que ela procurasse ajuda psicológica. Magda ainda não havia cogitado a possibilidade, mas se rendeu. “O primeiro encontro demorou quase três horas. Comecei e não parei mais. Faço consultas semanais e agora aconselho todo mundo a fazer também”, diz.

Terminado o tratamento, tudo estava sob controle. Até que, em agosto de 2019, outros exames detectaram nova imagem, dessa vez no intestino. Magda fez mais seis sessões de quimioterapia, e os efeitos colaterais foram ainda piores. “A gente não espera que isso aconteça. Mas depois do que passei, entendi que nenhum sofrimento é grande o bastante para me tirar a glória de viver. Desde o início, minha força mais insana, inconsciente e imensurável era me manter viva pelos meus filhos”.

NÃO SOBROU NEM UMA FOTO

No caso do anestesista carioca Luiz Antônio Pereira, 53 anos, o câncer surgiu quando ele ainda era jovem. Recém-formado em Medicina, fez concurso público e foi chamado para trabalhar na Secretaria Municipal de Joinville, em Santa Catarina, onde morou por pouco mais de um ano. Em 1996, aos 28 anos, começou a sentir forte pressão no testículo. “Era um incômodo, parecia que estavam me apertando. Eu me apalpei e percebi que não era dor. Mas a sensação não passava. Decidi investigar e voltei para o Rio”, diz.

Foram necessárias duas consultas com especialistas antes de Luiz fazer uma cirurgia para a retirada do testículo direito. Três semanas depois, o exame histopatológico confirmava o diagnóstico de câncer. A primeira sessão de quimioterapia não provocou efeitos colaterais. Depois, o quadro mudou. “Achei que ia tirar de letra. Um dia, levantei enjoado, corri para o banheiro, mas não deu tempo. Vomitei em jato pela casa. Foi assim, passando muito mal, que levei todo o resto da química”, conta.

Além do forte mal-estar, havia dentro dele um sentimento de revolta. Chegou a pensar, até mesmo, em largar a Medicina. Não concebia a ideia de ter se

“Ver um filho nesse estado é muito doloroso. Tempos atrás, quis ver uma foto minha daquela época, perguntei onde estava e [minha mãe] respondeu que havia rasgado tudo, que não queria nenhuma recordação”

LUIZ ANTÔNIO PEREIRA, anestesista

formado para salvar vidas e perder o domínio sobre a sua própria. Os pais e os dois irmãos sofreram com ele. Mas, para a mãe, o baque foi ainda maior. “Ver um filho nesse estado é muito doloroso. Tempos atrás, quis ver uma foto minha daquela época, perguntei onde estava e ela me respondeu que havia rasgado tudo, que não queria nenhuma recordação”, conta Luiz Antônio.

BORBOLETAS NA MENTE E NO CORPO

Diferentemente de Magda e Luiz Antônio, a gastroenterologista Luciana Maia Telles, 45 anos, não sentiu dores ou pressão no corpo. Foi num exame de rotina, em maio de 2017, que ela descobriu que estava com câncer de mama do tipo triplo negativo.

“Fui tranquila fazer a mamografia. Quando me pediram para refazer, não me preocupei, porque sei que pode acontecer. Mas, ao entrar na sala, vi que tinham posto meu filme no negatoscópio [equipamento para leitura de exames de imagem] e havia uma marcação com setas. Quem me atendeu não sabia que eu era médica e prestaria atenção. Mas bati o olho e gelei.”

No ultrassom, mais um susto: havia dois nódulos e não apenas o que tinha sido encontrado no exame anterior. Quatro dias depois, com a ajuda de amigas que aceleraram o processo, fez a biópsia. Ao receber o diagnóstico, desabou. “Li a palavra carcinoma e foi um soco no estômago. Depois, o ‘invasivo’ me chocou mais ainda. Pensei: ‘Já era - os dois são malignos e estão em estágio avançado’. É incrível como num milésimo de segundo sua vida vira pelo avesso. Pensei no meu filho, na minha família... E só chorava”.

Por ser médica, conseguiu rapidamente marcar consulta com três mastologistas, no serviço particular. “A rede de contatos ajuda e agiliza as coisas, o que é bom. Por outro lado, é horrível entender o que está acontecendo e imaginar o que pode passar. Fico pensando se a ignorância, nesses casos, não seria melhor”, diz ela.

A mastectomia total (retirada completa de uma ou ambas as mamas) foi marcada em seguida. Durante a cirurgia, outra surpresa. Luciana descobriu que havia comprometimento do linfonodo sentinela [primeiro linfonodo da cadeia axilar] e precisou fazer esvaziamento axilar. A irmã mais velha, também médica, pode acompanhar todos os procedimentos de perto.

O tratamento consistiu de 16 sessões de quimioterapia e 25 de radioterapia. Quando começou a perder cabelo, Luciana percebeu que não estava preparada. “Sentir os fios caindo parecia a materialização da minha degeneração e isso me apavorava. E claro que a questão da vaidade também pesa. Não queria que me vissem careca”, conta a gastroenterologista, que, depois, acabou mesmo optando por raspar a cabeça.

Os dias que se seguiram não foram fáceis. Ela teve dores fortíssimas na coluna, entre outros efeitos colaterais comuns ao tratamento, e ficou dias de cama. Chegou a fazer nova ressonância às pressas, com medo de uma possível metástase, que não se confirmou. Foi aconselhada a procurar acompanhamento psicológico. Foi a duas sessões e parou. “Sei que era importante, mas simplesmente não conseguia, não queria sair de casa. Só tinha vontade de ficar deitada”.

Ano passado, fez a terceira e última cirurgia para reconstrução das mamas. Aconselhada pelos médicos, fez mastectomia preventiva na mama esquerda e colocou silicone nas duas. Ao resumir o que sente, diz que vem à mente a imagem de borboletas, que agora quer tatuar no corpo. “Elas são o símbolo

“O tratamento, as cirurgias, a careca, a perda da vaidade, a fraqueza, o medo. Tudo isso me fortaleceu e me ensinou a dar valor a cada segundinho da vida”

LUCIANA MAIA TELLES, gastroenterologista

da transformação. Há horas em que a solidão e o sofrimento do casulo se tornam intransponíveis. Seriam esses os ingredientes necessários para a metamorfose? Acho que sim. Para mim, foram. O tratamento, as cirurgias, a careca, a perda da vaidade, a fraqueza, o medo. Tudo isso me fortaleceu e me ensinou a dar valor a cada segundinho da vida.”

ESCREVER É TERAPÊUTICO

Nascida em Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio, Fabíola La Torre se mudou para São Paulo em 1998 para cursar Residência Médica em Pediatria, Infectologia e Terapia Intensiva. No início de 2016, aos 40 anos, casada e mãe de um filho então com 10 anos, soube que tinha câncer de mama ainda em estágio inicial”.

Ao receber o diagnóstico, porém, não se desesperou. “É um momento difícil. Mas, de alguma forma, estava preparada. Dentro de mim, tinha a certeza de que um dia aconteceria. Quando contava isso a alguém, pensavam que era loucura. Sei lá, acho que algumas pessoas têm pensamentos premonitórios. Só sei que isso me ajudou a lidar com todo o processo”, conta ela.

Fabíola passou por 16 sessões de quimioterapia e 18 de radioterapia. Por 10 dias seguidos, teve mais de 20 episódios de diarreia. “Foi terrível. Mas sou pediatra intensivista e já tinha visto muita criança passando por coisas piores. Quando sentia que ia fraquejar, pensava na força delas e me reerguia”, conta.



“Sou pediatra intensivista e já tinha visto muita criança passando por coisas piores. Quando sentia que ia fraquejar, pensava na força delas e me reerguia”

FABÍOLA LA TORRE, pediatra intensivista

Mesmo encarando o tratamento com leveza, uma intercorrência a assustou: para facilitar o uso da medicação quimioterápica, colocou um PICC (cateter venoso central de inserção periférica) no braço e acabou tendo trombose. “O fato de ser médica ajudou porque logo percebi que algo não ia bem. O braço inchou e doeu muito. Mas, de novo, pensei nas crianças”.

Ao longo do processo, começou a escrever um *blog*, que logo se transformou no livro “De médica a paciente”, lançado em outubro passado. O resultado foi terapêutico e tão positivo, que já está finalizando o segundo. Nele, Fabíola fala da relação com o filho e a forma como o menino lidou com a sua doença. “Ele sofreu calado por muito tempo. Só com diálogo é que consegui puxar as coisas que sentia. Se eu puder ajudar outras mães a manterem esse canal de comunicação aberto, será uma maravilha”.



LIVRO E DOR EM FAMÍLIA

A oncologista Sabrina Chagas, 41 anos, sabe bem o quanto é dolorosa a inversão de papéis. Em 2015, o pai, Carlos Ricardo Chagas, que é médico e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Mastologista, foi diagnosticado com um adenocarcinoma na mama direita, um dos tipos mais comuns de câncer de mama, ainda em estágio inicial. Ele tinha 69 anos. “Eu já trabalhava há sete anos no HC III do INCA [unidade dedicada ao tratamento do câncer de mama]. Sempre tive uma relação humanista e acolhedora com meus pacientes. Mas vivenciar isso com meu pai foi realmente muito diferente e difícil”, recorda.

O sinal de alerta surgiu quando Carlos percebeu que seu mamilo estava invertido. Sabendo que essa retração poderia ser indicativo de um tumor, ele fez uma mamografia sem dizer nada à família. Enquanto aguardava o resultado da biópsia, avisou à filha. “É uma espera angustiante. E, como médicos, sabemos o que vem pela frente e tememos pelas complicações”, diz ela.

Por ser um homem reservado, ele, que mora no Rio de Janeiro, decidiu realizar a mastectomia em São Paulo. Ao voltar, deu início à quimioterapia.

Segundo Sabrina, foram cinco meses angustiantes, nos quais viu o pai sofrer com anemia, cansaço extremo, inchaço nas pernas, perda de paladar e de apetite. Como muitas vezes ele não queria tocar no assunto, a filha estabeleceu um novo canal de comunicação: trocas diárias de mensagem por celular, que depois se transformaram no livro *Como estamos?* O desafio do câncer de mama, lançado em 2016.

Na publicação, ela revela o dia a dia dos dois no período e relata momentos de pavor. “Um deles foi quando papai, já debilitado pela quimio, tentava brincar com meus filhos e não



“Eu já trabalhava há sete anos no HC III do INCA [unidade dedicada ao tratamento do câncer de mama]. Sempre tive uma relação humanista e acolhedora com meus pacientes. Mas vivenciar isso com meu pai foi realmente muito diferente e difícil”

SABRINA CHAGAS, oncologista

consequia. Lembro que engoli o choro e tentei agir com naturalidade, mas aquilo me assustou à beça. Tive muito medo dele não aguentar”.

Mas deu tudo certo. Carlos Ricardo Chagas está recuperado e refaz os exames uma vez por ano. Ele não quis dar depoimento para a reportagem, mas permitiu que a filha o fizesse.